

A Revista HISTEDBR On-line publica artigos resultantes de estudos e pesquisas científicas que abordam a educação como fenômeno social em sua vinculação com a reflexão histórica

Correspondência ao Autor
Nome: Pedro Henrique Prado da Silva
E-mail:
profpedrohprado@gmail.com
Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, Brasil

Submetido: 29/07/2018
Aprovado: 17/02/2019
Publicado: 19/03/2019

[doi> 10.20396/rho.v19i0.8653053](https://doi.org/10.20396/rho.v19i0.8653053)
e-Location: e019011
ISSN: 1676-2584



PEDRO BAPTISTA MATERA: DAS AGITAÇÕES SINDICAIS À FUNDAÇÃO DA ESCOLA OPERÁRIA 1º DE MAIO

Pedro Henrique Prado da Silva¹

RESUMO

A escassez de trabalhos no campo da História da Educação sobre as experiências educacionais libertárias e seus precursores é significativa. Este trabalho tem como objetivo apresentar a trajetória histórica da Escola Operária 1º de Maio e seu diretor Pedro Matera. Verificamos que o surgimento da Escola 1º de Maio se confunde com a atuação sindical e militante de Pedro Matera, tendo em vista que sua formação contínua nos círculos libertários o motivou a fundá-la, por ora da necessidade de uma classe operária que sofria com os matizes da falta de educação e ensino. Percebemos, também, que a Escola toma similaridade com as experiências de Francisco Ferrer y Guardia, sendo uma das experiências educacionais anarquistas com maior longevidade.

PALAVRAS-CHAVE História da educação. Francisco Ferrer y Guardia. Escola Operária 1º de Maio. Pedro Baptista Matera.



PEDRO BAPTISTA MATERA: FROM THE UNION AGITATION TO THE OPENING OF THE ESCOLA OPERARIA 1º DE MAIO

Abstract

The lack of studies in the field of Education History about the left libertarian educational experiences and their forerunner is revealing. This work has the objective of presenting the historical trajectory of the May 1st Worker School and its director Pedro Matera. In order to analyze this object, it is used Thompson (2002, 2004) and the history seen from below. It is verified that the creation of the May 1st Worker School is blended with the union and militant actuation of Pedro Matera, since his continuous formation inside the left libertarian circle motivated him to open the School, because of the necessity of a worker class that was suffering with the consequences of the lack of education and knowledge. It is noticed also that the School has similarities with the experiences of Francisco Ferrer y Guardia, being one of the educational anarchist experiences with greater longevity.

Keywords: History of education. Francisco Ferrer y Guardia. Escola Operária 1º de Maio. Pedro Baptista Matera.

PEDRO BAPTISTA MATERA: DE LAS AGITACIONES SINDICALES A FUNDACIÓN DE LA ESCOLA OPERARIA 1º DE MAIO

Resumen

La escasez de investigaciones en el área de la Historia de la Educación sobre las experiencias educacionales libertarias y sus precursores es significativa. Esta investigación objetiva presentar la trayectoria histórica de la Escola Operária 1 de Maio y su director Pedro Matera. Para analizar ese objetivo utilizamos Thompson (2002, 2004) y la historia vista desde abajo. Verificamos que el surgimiento de la citada escuela *1 de Maio* se confunde con la actuación sindical y militante de Pedro Matera, tomando en cuenta que su formación continua en los círculos libertarios lo motivó a fundarla, a causa de la necesidad de una clase operaria que sufría con los matices de la falta de educación y enseñanza. Percibimos, también, que la escuela se asemeja con las experiencias de Francisco Ferrer y Guardia, siendo una de las experiencias educativas anarquistas con mayor longevidad.

Palabras clave: Historia de la educación. Francisco Ferrer y Guardia. Escola Operária 1º de Maio. Pedro Baptista Matera.



INTRODUÇÃO

São pouco conhecidos os feitos dos grupos anarquistas e suas experiências educacionais no campo da história da educação aqui no Brasil. A efervescência das experiências educacionais anarquistas, principalmente na segunda metade do século XIX até os primeiros anos do século XX, contribuiu com o fortalecimento dos movimentos de renovação pedagógica e com as correntes ideológicas (liberais, republicanos, positivistas, etc.) que reivindicavam o rompimento com a educação eclesiástica e exigiam uma educação científica e racional. Isso nos faz crer que compreender essas experiências é, também, compreender melhor o cenário em que esses movimentos estavam inseridos, tendo em vista todos os seus embates, conflitos, inspirações e contradições. O objetivo deste trabalho é resgatar a história de Pedro Baptista Matera, anarquista italiano, alguns fatos da sua participação nos movimentos sindicais no Rio de Janeiro e sua história como educador popular e motivador da pedagogia libertária **ferrerista**, como diretor da Escola Operária 1º de Maio, no bairro de Vila Isabel.

Para esta pesquisa, utilizamos Thompson (2002, 2004) e o seu conceito de **experiência** para dar congruência a complexa significância da formação de Matera como sindicalista e educador anarquista. Dessa forma, Thompson nos possibilita buscar uma história que estava esquecida, quando enfatiza: “[...] estou tentando resgatar o pobre tecelão de malhas, o meeiro luddita, o tecelão do ‘obsoleto’ tear manual, o artesão ‘utópico’.” (THOMPSON, 2004, p. 13). Suas teses historiográficas nos facilitam a interpretação do material e a construção de hipóteses a partir dos seus processos de análise.

Nossas principais fontes são periódicos da época e documentos processuais. A metodologia é, por sua vez, por análise e interpretação das fontes primárias para compreensão dos fatos, sendo importante a utilização de fontes não muito comuns na história da educação. Isso se deve ao pouco registro que Pedro Matera deixou sobre a Escola Operária 1º de Maio e a sua atuação como sindicalista.

A aproximação do objeto é outro fator importante para analisá-lo, pois, com uma observação superficial dos fatos e a tentativa de complementar a história da Escola com a História já escrita e estudada da educação brasileira nesse período, deixaríamos de compreender questões importantes quanto ao surgimento, ao fechamento da Escola e a sua participação nas atividades sindicais. Assim sendo, é de suma importância o método pelo qual Thompson (2004, p. 9) procurava compreender a experiência de homens e mulheres das classes populares, o que o fazia se contrapor à história institucional e estruturalista, pois “[...] é um estudo de processo ativo, que se deve tanto à ação humana como aos condicionamentos.”

CHEGADA AO BRASIL, OS CÍRCULOS OPERÁRIOS E AS AGITAÇÕES SINDICAIS



Desembarca em 1881, no porto do Rio de Janeiro, oriunda da Itália a família Matera, cujo sobrenome vem de uma província italiana. A família viajou por cerca de um mês e a chegada foi impactante ao avistar o exuberante morro do Pão de Açúcar e as belezas naturais na Baía de Guanabara. Outros italianos, como o anarquista Giovanni Rossi (que realizou a viagem de Genova até o Rio de Janeiro, em 1890), relata o quão impressionante era a vista da baía.

Entramos na baía majestosa do Rio de Janeiro. O espetáculo é tão imponente pela elevada cadeia de montanhas que rodeia o espelho amplo das águas, tão pitoresco em virtude das belas construções espalhadas sobre a costa e nas pequenas ilhas, tão gentil por todos os matizes de verde que oferecem à vista os morros ornados por elegantes palmeiras, tão fulgurante graças ao sol que resplandece entre o azul do céu e o verde-claro do mar, tão eloquente em sua linguagem universal que cada passageiro, seja qual for sua condição e cultura, levanta o rosto e exclama: - Ah! Como é lindo! (ROSSI apud LOPES, 2004, p. 23).

A família Matera toma precauções para não ser envolvida com promessas de trabalho e altos salários feitas pelos especuladores aos imigrantes que aqui chegavam. Traziam esperança de prosperidade no Novo Mundo, pois sua vinda para o Brasil devia-se ao aumento da “[...] pobreza e miséria no norte da Itália, as doenças em expansão (malária, cólera, etc.), a concentração fundiária, a política estatal [...]” (VIANA, 2006, p. 29), numa Itália que passava por mudanças políticas significativas. Também houve grande incentivo do governo brasileiro à imigração italiana para suprir de mão de obra setores produtivos da economia. Percebemos, então, que “As promessas de uma nova vida e a propaganda do governo brasileiro eram um estímulo poderoso para aqueles que viviam uma situação subumana na Itália.” (VIANA, 2006, p. 30).

O Brasil estava em transformação, saía de um modelo escravista para o “trabalho livre”, assalariado, e por isso a necessidade de uma mão de obra que se adequasse ao novo mercado. O país incentivava a vinda de estrangeiros com as promessas de altos salários, comodidade, casa, etc. (CARONE, 1975, p. 11). Dentre esses imigrantes, os italianos representavam a grande maioria que chegava aos portos brasileiros. Do ano de 1884 a 1903 estimasse que mais de um milhão de italianos chegaram ao país. (DULLES, 1977, p. 17).

Diferentemente da maioria dos italianos que chegavam ao Brasil e se instalavam na cidade de São Paulo, a família Matera permanece no Rio e logo se instala no bairro de Vila Isabel, localizado na zona norte da cidade. Entre os integrantes dessa família estava um menino com apenas cinco anos de idade, franzino, de cor típica dos moradores do sul da Itália e que atendia pelo nome de “Pietro”. A formação no bairro operário de Vila Isabel o transformará em uma das figuras mais significativas do anarquismo brasileiro e do sindicalismo revolucionário², ficando conhecido entre seus companheiros e seus adversários como Pedro Matera.

Como nos descreve o próprio Matera (1917, p. 45), “Desde a minha meninice, portanto, mourejo e honradamente para adquirir os meios de subsistência.” Essas palavras já evidenciam sua trajetória como trabalhador no bairro de Vila Isabel, que se iniciou ainda em



sua infância. Em 1888, com cerca de 12 anos de idade, Pedro Matera começa a trabalhar na Padaria e Confeitaria Sul Americana que se localizava na esquina da Rua Silva Pinto com a Av. 28 de Setembro e, posteriormente, emprega-se na Padaria Central, outra padaria do bairro. (MATERA, 1917, p. 45).

A construção de Vila Isabel é identificada por um forte ideário de liberdade que é simbolicamente cravado nas ruas do bairro. Antes da chegada da família Matera ao bairro, Barão de Drummond - João Baptista Viana Drummond -, um abolicionista declarado, se empenha em iniciar um empreendimento na Fazenda dos Macacos (até então nome dado à área que compreende o bairro de Vila Isabel). Drummond instala uma linha de bonde que ligaria o centro da cidade até a fazenda e este novo empreendimento incentiva a urbanização desta região. Com o crescimento local é fundado o bairro de Vila Isabel em 1872. A principal avenida do bairro é a Boulevard 28 de Setembro, que homenageia a assinatura da Lei do Ventre Livre. O Ministro da Agricultura Teodoro da Silva, que propôs a assinatura desta lei, passa a ser o nome de outra rua do bairro, junto com outros políticos que defendiam a libertação dos escravos como: Souza Franco e Torres Homem. (BORGES; BORGES, 1987, p. 21-25).

O bairro de Vila Isabel abrigou vários empreendimentos. O primeiro foi a Companhia de Ferro e Carril de Vila Isabel, em 1872, criada pelo Barão de Drummond (BORGES e BORGES, 1987, p. 25), o que facilitou o povoamento do bairro. Assim, “[...] o movimento anual de passageiros era entorno de 700.000, em 1876, passando para mais de dois milhões e meio no ano seguinte.” (TERRA, 2012, p. 67). Pedro Matera trabalhou por quatro anos como cocheiro dos bondes de Vila Isabel (MATERA, 1917, p. 45) e é provável que tenha participado das duas principais revoltas dessa classe em 1898 e 1900.

A greve dos cocheiros na madrugada de 15 para 16 de março de 1898 parece ter sido a primeira participação dos anarquistas em mobilizações proletárias. Esta greve era para reivindicar um aumento salarial para os trabalhadores. (TERRA, 2012, p. 205). A greve foi dizimada pela força policial. Em janeiro de 1900, houve outra greve que contou com mais de 25.000 grevistas, fato que foi noticiado pelo periódico anarquista O Protesto, dirigido pelo anarquista Mota Assunção (SAMIS, 2009, p. 186), que também participou dessa greve. À época, foi considerada “[...] a maior greve do Brasil.” (LOPES, 2004, p. 51-65).

O segundo empreendimento, em Vila Isabel, foi a Fábrica de Tecidos Confiança, criada em 1878, situada na Rua Maxwell, que se tornou fundamental para a vida econômica do bairro, sua importância ficou marcada pela música “Os três apitos” do poeta Noel Rosa. No ano de sua fundação possuía cerca de 400 teares, seu crescimento ocorre rapidamente e, no ano de 1905, havia cerca 1500 teares, tornando-se uma das mais significativas empresas no cenário industrial do país. (BORGES; BORGES, 1987, p. 82). Os operários dessa fábrica realizaram mobilizações importantes, com reivindicações de melhores condições de trabalho, diminuição da carga horária de trabalho para oito horas diárias, melhores salários e denúncias sobre maus tratos, violência, inclusive com mulheres e crianças.



Em 1903, tivemos uma das maiores greves gerais ocorridas no país com a participação de diversos operários de diferentes classes. Cerca de 40.000 trabalhadores cruzaram os braços reivindicando uma carga horária de oito horas diárias e o aumento dos salários. Essa mobilização, segundo Samis (2009), decreta a inserção dos anarquistas nas insurgências populares. A greve é instaurada em agosto daquele ano pela Federação dos Trabalhadores em Fábricas de Tecido, como explica Samis (2009, p. 186-187):

A conjuntura grevista de 1903, que tivera início com a paralisação das atividades da indústria têxtil carioca, decretada pela Federação dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos, marcaria a entrada em cena dos anarquistas nas grandes mobilizações operárias no Distrito Federal. Em colaboração com alguns socialistas, eles organizaram um movimento que lograria envolver as associações de classe dos carpinteiros, pintores, chapeleiros, alfaiates e estivadores.

Seu estopim ocorre a partir de uma mobilização na Fábrica de Tecido Cruzeiro, no Andaraí Grande, devido à forma de exploração dos industriais, que cobravam a utilização das ferramentas de trabalho.

Desde o dia 8 de agosto, um sábado, os trabalhadores começaram a protestar com tal hábito da venda dos instrumentos necessários à realização do trabalho por parte da empresa (...). Estes eram cerca de 200 trabalhadores, na maioria menores de idade e, dentre eles, havia muitas mulheres. (GOLDMACHER, 2012, p. 124).

Esse acontecimento motivará outras mobilizações, sendo cada uma por motivos diferentes: maus tratos, aumento salarial, diminuição da carga horária de trabalho. Porém, foi por outro motivo no caso da Fábrica de Tecido Aliança, criada em 1880, na Rua General Glicério, em Laranjeiras.

Na Fábrica de Tecido Aliança, das laranjeiras, a greve teve início após o diretor da fábrica ter-se negado a readmitir uma operária dispensada pelo mestre dos teares. A operária demitida, uma viúva polaca, havia sofrido abuso sexual por parte do mestre dos teares, de nome Ferreira da Silva, e fora por ele abandonada, e demitida, após o nascimento da criança. (GOLDMACHER, 2012, p. 125).

Cerca de 3000 operários dessa fábrica uniram-se aos da Fábrica de Tecido Carioca, criada em 1890, no bairro Jardim Botânico. Após algumas assembleias iniciadas pela Federação dos Trabalhadores em Fábricas de Tecido, surgiu a adesão de outras fábricas, entre elas a da Fábrica Confiança, de Vila Isabel, a partir de 17 de agosto de 1903, posterior a um piquete realizado pelos trabalhadores têxteis no local. (GOLDMACHER, 2012, p. 128). A greve termina com violência policial, pois os empresários concluíram que não poderiam cumprir as reivindicações dos operários. As revoltas dos trabalhadores têxteis do Rio de Janeiro tiveram significativas contribuições dos operários da Fábrica Confiança, em Vila Isabel. Este fato é importante, porque influencia a trajetória e militância de Pedro Matera. Alguns anos mais tarde, após essa greve geral de 1903, ele escreve vários artigos em jornais operários, que defendem os trabalhadores têxteis e participa dos círculos operários, no bairro



de Vila Isabel, principalmente os da Fábrica de Tecidos Confiança, como veremos mais à frente.

Muito de sua participação deve-se ao fato de existir a sede da Escola Operária 1º de Maio com muitas atividades sindicais ocorrendo nela. Dentre elas, ressaltamos a fundação do Centro de Estudos Sociais, na sede da Escola Operária 1º de Maio. (VOZ DO TRABALHADOR, 1913e, p. 2). Esse Centro tinha como objetivo divulgar as ideias anarquistas e era uma ramificação do Centro de Estudos Sociais do Rio de Janeiro que funcionava no Centro Cosmopolita. (LOPES, 2011, p. 23).

A Federação Operária do Rio de Janeiro (FORJ) iniciou no Distrito Federal uma “[...] campanha contra a carestia da vida [...]”, o seu primeiro comício foi no bairro de Vila Isabel, em fevereiro de 1913, na Rua Souza Franco, onde ficava a sede da Escola Operária 1º de Maio. (VOZ DO TRABALHADOR, 1913b, p. 1). O segundo comício, também neste bairro, foi no dia 02 de março de 1913, na Praça Barão de Drummond, neste comício Pedro Matera representou a FORJ. As falas dos oradores enfatizavam a necessidade do operariado se organizar em sindicatos, em busca de melhores salários, pois os preços dos produtos alimentícios subiam mais do que os salários dos trabalhadores. (A ÉPOCA, 1913a, p. 3).

No dia 16 de março de 1913, aconteceu uma grande conferência no Largo do São Francisco, próximo à sede da FORJ. Entretanto, Pedro Matera não participou, pois, na manhã do mesmo dia, havia sido intimado pela polícia a comparecer na delegacia central para prestar esclarecimentos. De acordo com notícia do jornal A Época, os operários da FORJ ao saber da prisão de Pedro Matera fizeram uma enorme agitação naquela noite para pressionar o chefe de polícia, dr. Belisário Távora, a soltá-lo. O interrogatório sofrido por Pedro Matera demonstra o quanto sua proposta educacional preocupava aos dirigentes, o chefe de polícia pergunta a Pedro Matera: - “porque não acaba com aquela escola?”. Ele responde: - “Não sendo forçado a isso, por forma alguma deixarei de instruir meus companheiros e os filhos destes, pois tenho grande amor ao ensino.” (A ÉPOCA, 1913b, p. 3). Esse ocorrido demonstra a preocupação que o governo e conseqüentemente a polícia tinham das atividades pedagógicas, de Matera, na cidade do Rio.

Pedro Matera foi liberado no dia seguinte retornando ao comitê, criado pela FORJ, para as agitações contra a carestia da vida, fazendo-se presente no comício de 20 de março de 1913, no Largo de São Francisco. (A ÉPOCA, 1913b, p. 3). No ano de 1917 podemos observar a sua popularidade como referência sindical na cidade do Rio de Janeiro nas páginas do periódico A Razão. O periódico indica alguns números sobre a quantidade de associações e sócios nos sindicatos, e o colunista afirma que “[...] o bairro de Vila Isabel tem uma população operária de perto de 40.000 labutadores, que, sob ação de Pedro Matera, estão em via de se organizarem, formando uma possante sociedade.” (A ÉPOCA, 1913b, p. 3). Essa afirmação nos indica que Pedro Matera tinha um papel importante na organicidade dos trabalhadores do bairro em que atuava, era um elo fundamental da relação entre a COB/ FORJ e os trabalhadores de Vila Isabel.



Nossa hipótese sobre a possível inserção dele no sindicato dos trabalhadores têxteis do bairro de Vila Isabel é confirmada pela sua entrevista ao jornal carioca *A Razão*. Nessa entrevista, os redatores do jornal relatam, novamente, a importância da campanha contra a carestia da vida como um instrumento mobilizador dos operários, incentivando-os a se associarem aos sindicatos de classe. Pedro Matera é identificado como o redator do *O Clarim*, além de “[...] um dos grandes paladinos do movimento associativo e o atual organizador do grande sindicato dos tecelões.” (A RAZÃO, 1917a, p. 3). Ele explica a quantidade de associações que estão organizadas e o número de associados, indicando ainda as associações que estavam em processo de organização. Ao final conclui com bastante otimismo, “[...] mas fique certo que dentro em pouco todo o operariado do Rio de Janeiro estará organizado.” (A RAZÃO, 1917a, p. 3).

Em maio, após alguns “meetings”, inicia-se uma greve dos trabalhadores têxteis da Fábrica Corcovado, na Gávea. (A RAZÃO, 1917b, p. 3). Alguns dias depois, sucedeu um grande comício no mesmo bairro em apoio aos grevistas. Pedro Matera participa e informa sobre o apoio e a mobilização dos operários da Fábrica Confiança de Vila Isabel. (A RAZÃO, 1917c, p. 5). No dia 11 de maio de 1917, aconteceu um novo comício na Ponte das Taboas na Gávea, com a presença de operários de diversas indústrias têxteis, inclusive os de Vila Isabel. Entrou em destaque a violência policial aos operários grevistas, que foram agredidos pela polícia do Dr. Aurelino Leal. Após o “meeting”, ocorreu uma reunião com operários na FORJ, a polícia, a mando de Aurelino Leal, prende alguns, entre eles: Valentim de Brito, Bento Alonso, Joaquim Campos, José Madeira e José Caiazzo (A RAZÃO, 1917d, p. 3) e após o “meeting” realizado em Vila Isabel, Paschoal Gravina e Pedro Matera. (A RAZÃO, 1917g, p. 5).

O chefe de polícia do Rio de Janeiro proíbe a realização de “meetings” e comícios de rua pelos operários, coloca boletins na porta das fábricas informando a nova imposição ocasionada pelas mobilizações na Gávea, por isso fizeram “[...] uma vigilância intensa junto aos raros anarquistas da cidade, que estão levando a desordem ao seio do operariado honesto.” (A RAZÃO, 1917e, p. 3). Com a perseguição aos anarquistas, os estrangeiros que fossem presos sem profissão seriam considerados “vagabundos” e podiam ser penalizados de acordo com a Lei Adolfo Gordo³ (1907, reformulada em 1921). O chefe de polícia colocou dois sentinelas à porta da FORJ para proibir as reuniões operárias. (A RAZÃO, 1917e, p. 3). Os anarquistas presos no dia 11 de maio de 1917, na saída da reunião da FORJ, ficaram encarcerados durante três dias (A RAZÃO, 1917f, p. 7) e foram proibidos de promover os comícios de rua.

Essa imposição do Chefe de Polícia carioca demonstrava a preocupação que os dirigentes tinham com a prática da ação direta realizada pelos anarquistas. Seu incentivo às greves, boicotes, conferências de rua etc. era um exemplo de atos que precisavam ser controlados pelo governo, pois esse tipo de ação operária demonstrava a capacidade de organização e força do anarquismo. Os anarquistas entraram com um habeas corpus para ter o



direito de realizar manifestações na rua. Esse documento tinha mais de sessenta páginas, com argumentos contra a acusação, além de uma pequena biografia de cada um dos militantes, inclusive de Pedro Matera. Os comícios voltam a acontecer de modo discreto na Gávea com a presença de Pedro Matera e os outros indiciados, pois eles estavam proibidos de participar dos “meetings”. (A RAZÃO, 1917h, p. 2). Pedro Matera, então, passa a se dedicar ao periódico O Clarim; entretanto, continua sendo perseguido pela polícia, o que o impedia de continuar ajudando nas atividades da paralisação, que as operárias da Fábrica Carioca fizeram no mês de junho de 1917. (A RAZÃO, 1917i, p. 2).

A ESCOLA OPERÁRIA 1º DE MAIO

Nas primeiras décadas do século XX, as iniciativas educacionais que surgiam de sindicatos e das teses dos Congressos Operários sofriam a influência pedagógica de Ferrer y Guardia⁴, principalmente aqueles de tendência anarquista. A intenção era propor uma educação popular que promovesse a transformação social. A Escola Operária 1º de Maio surgiu para proporcionar aos operários e a seus filhos uma educação que os fizessem refletir sobre sua realidade social, possibilitando o acesso à ciência e à educação integral. O desenvolvimento dessa experiência educacional foi possível a partir da iniciativa de Pedro Matera.

Essa escola surgiu no bairro de Vila Isabel, zona norte do Rio de Janeiro, nos primórdios do século XX, num período de modernização, quando as indústrias começaram a ser construídas, o que favoreceu o aparecimento e a fixação da classe operária no bairro. O crescimento da classe operária fomentou a discussão sobre sua organização, a ação e também a necessidade de sua formação educacional. Lembremo-nos de que, no período da Primeira República, um dos principais debates nas reformas de ensino era como se constituiria um sistema educacional de âmbito nacional. Oscilou-se entre a centralização (oficialização) ou a descentralização (desoficialização) das instituições educativas. Tal discussão está presente no Código Epitácio Pessoa, em 1901 e na reforma de Rivadavia Correa, em 1911. Por um lado, o Código ratificou a liberdade de ensino da Reforma Leôncio de Carvalho de 1879, mas exigiu uma inspeção rigorosa dos currículos e pôs fim à liberdade de frequência; por outro lado, a reforma de Rivadavia reforçou a liberdade de ensino e a sua desoficialização. (SAVIANI, 2011, p. 169-170). É interessante observar que o período de desoficialização, de certa forma, favoreceu o aparecimento das Escolas Operárias e Modernas no Brasil, inclusive a Escola Moderna nº 1 (1912-1919), em São Paulo, que foi reconhecida pelo governo paulista. (LUIZZETO, 1986, p. 44).

O desenvolvimento industrial do bairro de Vila Isabel se efetivou principalmente a partir da instalação da Fábrica de Tecidos Confiança, uma das primeiras e mais importantes indústrias do país. Mas, concomitantemente, esse desenvolvimento levantou questões



significativas para a discussão da classe trabalhadora, como sua remuneração, as condições de trabalho, o processo de exploração, sua educação etc. Segundo Pedro Matera, o trabalhador,

Esta eterna vítima, que continua a ser tosquiada pela casta privilegiada é mantido afastado da sua verdadeira rota emancipadora, que com uma educação prejudicial e mística tem sido impossível de alcançar o verdadeiro entendimento desta engrenagem viciada e mal sã, que se chama sociedade burguesa. (MATERA, 1923, p. 2).

Sob a perspectiva de Pedro Matera, a educação era fundamental para o operariado, por isso dever-se-ia combater uma educação que não fosse emancipadora e impossibilitasse o desenvolvimento da consciência crítica. Dessa forma, trabalhou em prol de uma educação que proporcionasse o entendimento dos fatos sociais a partir da ciência e que conduzisse à emancipação do trabalhador.

Assim, Pedro Matera considerou ser necessário um espaço que proporcionasse a superação desse problema. Em 1903, na Rua Souza Franco, nº 64, em Vila Isabel, fundou-se a Escola Operária 1º de Maio, na qual seu diretor Pedro Baptista Matera com o apoio do operariado local definiu uma educação popular, de interesse para os trabalhadores, e suas primeiras ações foram em favor da educação elementar (ler, escrever e contar), laica e do ensino primário. (MATERA, 1913). As aulas eram noturnas e diurnas, durante o dia Matera lecionava para os filhos dos operários e à noite para os próprios trabalhadores. A escola praticava a coeducação dos sexos, aceitava meninos e meninas.

Uma experiência que vale destacar é a Escola Elyseu Réclus fundada em 1906 no Rio Grande do Sul por um grupo de anarquistas que tiveram forte influência da Universidade Popular na Europa. Essa escola era vinculada à Federação Operária do Rio Grande do Sul ministrava as seguintes disciplinas:

O conteúdo lecionado era: línguas (esperanto, francês, português, alemão, ortografia e caligrafia), desenho, desenho gráfico, economia política, mecânica, química, física, geografia, história natural, ginástica sueca, anatomia descritiva e física recreativa, história universal, história social, história do Brasil, matemática, aritmética, álgebra e música. (SILVA, 2010, p. 106).

Como Pedro Matera era a única pessoa que desenvolvia as atividades da Escola Operária 1º de Maio, cremos que não havia sido possível ter um currículo tão extenso como o da Escola Elyseu Reclus, onde existiam diversos colaboradores. Acreditamos que na Escola Operária 1º de Maio ensinavam-se a disciplina de língua portuguesa, caligrafia e ortografia, matemática, história social e universal e música. A Escola também realizava fanfarras em festas culturais e eventos dos sindicatos, como veremos mais à frente.

Essa escola tinha como princípio educativo o ensino integral, não havia a divisão cartesiana de conhecimento em prático e teórico, por isso Pedro Matera promoverá inúmeras saídas de campo para pesquisa e desenvolvimento do conhecimento com as crianças. A sua atuação no bairro facilitou a aproximação de alguns empreendimentos que auxiliavam a



Escola, como o Cinema Smart, que se encontrava na Boulevard 28 de Setembro. Além disso, ele organizava festas de propaganda e levava as crianças para assistir a sessões de filmes nesse local. (VOZ DO TRABALHADOR, 1913a). Realizava também passeios ao Jardim Zoológico do bairro, com a presença de um estudante de medicina que explicava todas as dúvidas das crianças. (A LANTERNA, 1911b, p. 2).

Outra proposta da Escola Operária 1º de Maio era a realização de festas de propaganda da escola, como meio de angariar recursos e divulgar o ensino racionalista praticado por Pedro Matera. Em 31 de agosto de 1911, ele promoveu uma reunião sobre a educação racionalista, estiveram presentes diversos operários e delegados das federações ligadas à FORJ, inclusive Antônio Domingues, que foi representando a Associação das Escolas Modernas no Rio de Janeiro. (A GUERRA SOCIAL, 1911). É importante enfatizar que “Todos os oradores falaram sobre a necessidade do ensino racionalista, o engrandecimento da Escola Moderna (de Barcelona), saudando a Escola 1º de Maio.” (A GUERRA SOCIAL, 1911, p. 4).

Pedro Matera incentivou a participação de grupos com diferentes posições ideológicas presentes nas correntes anarquistas. Destacamos a importante iniciativa proporcionada pela Liga Anticlerical, como os “meetings” e comemorações em memória de Francisco Ferrer y Guardia, que geralmente ocorriam no dia 13 de outubro, data do seu fuzilamento. Após dois anos de sua morte, no salão do Grêmio Republicano Português, ocorreu uma reunião solene em memória do assassinato de Francisco Ferrer y Guardia, com a participação de diversos anarquistas, anticlericais, intelectuais do Rio de Janeiro e São Paulo, além da presença de Pedro Matera representando a Escola Operária 1º de Maio. (A LANTERNA, 1911a, p. 1). No ano seguinte, deu-se a mesma comemoração com o apoio da FORJ, no Teatro Carlos Gomes, com uma grande frequência. Pedro Matera participou dessa solenidade representando a Escola Operária 1º de Maio, esse evento contou com a presença de outros anarquistas, como: José Oiticica. (A LANTERNA, 1912, p. 1).

Em 1912, foi realizada uma série de festas de propaganda na sede da Escola, que teve como principal orador o professor José Oiticica. A primeira festa ocorreu em agosto de 1912, em comemoração à fundação da Escola. A abertura foi realizada com o coro da Escola que canta o hino Marselhesa de Fogo. Em seguida, falou José Oiticica sobre “A Missão da Escola Racionalista [...]”, que, segundo os redatores do periódico A Guerra Social, “[...] agradeceu francamente o auditório.” (A GUERRA SOCIAL, 1912, p. 3). Ao final, os alunos da Escola recitaram algumas poesias. No mês seguinte, foi realizada nova festa de propaganda, novamente com o professor Oiticica. (A ÉPOCA, 1912a, p. 4). Provavelmente, o período escolhido para essas conferências devia-se à memória do fuzilamento de Francisco Ferrer, que foi em 13 de outubro de 1909. Percebemos que o teor dos discursos na Escola era para lembrar as experiências ferreristas, inclusive a utilização do termo “ensino racionalista”, que foi utilizado diversas vezes por Ferrer y Guardia.



Pedro Matera esteve presente, como representante do periódico *O Clarim* e da Escola Operária 1º de Maio, no evento promovido pela Liga Anticlerical do Rio de Janeiro, na sede da FORJ, para lembrar o 6º ano de aniversário do fuzilamento de Ferrer y Guardia. Abriu a sessão Carlos Lacerda, que discursou sobre a história de Ferrer e o porquê dele ter sido perseguido pelo governo maurista⁵; em seguida, afirmou que todos deveriam fazer “[...] esforço no Rio de Janeiro, a fim de que mais breve possível, abramos a nossa escola racionalista.” (VOZ DO TRABALHADOR, 1914, p. 2).

Pedro Matera defendia os princípios da educação racionalista desenvolvidos por Ferrer y Guardia, em Barcelona. Em várias atividades, recordava-se e enaltecia-se a memória do pedagogo espanhol, por isso a Escola Operária 1º de Maio praticava: a coeducação dos sexos, educação integral, acesso à ciência pelo operariado etc. Estes princípios foram importantes para desenvolver as propostas de educação popular defendidas por Pedro Matera. Assim, podemos afirmar que a experiência da Escola Operária 1º de Maio teve uma significativa influência dos escritos e das experiências que chegavam até ele sobre os métodos educacionais de Francisco Ferrer y Guardia, feitos que foram divulgados principalmente após o seu fuzilamento em 1909.

Um aspecto que infelizmente não obtivemos informações foi o método de avaliação utilizado na Escola Operária 1º de Maio. Mas, como temos pistas que muitas concepções e práticas, usadas na Escola Moderna de Ferrer y Guardia, estavam presentes naquela escola, deduzimos então que a avaliação era feita tal como na escola ferrerista. Em outras palavras, não havia prêmio, nem castigo, não existia “hierarquização pedagógica”, cada educando desenvolvia seu potencial de acordo com as suas capacidades.

Outro aspecto pedagógico da Escola Operária 1º de Maio era a participação em festas de comemoração de datas solenes como 1º de maio e o fuzilamento de Ferrer y Guardia. No 1º de Maio de 1909, a Escola participou com o seu grupo de fanfarra, da manifestação organizada pela FORJ no Largo do S. Francisco. Vemos que “As crianças da Escola Livre 1º de Maio, de Vila Isabel, incorporaram-se à manifestação entoando em coro o hino A Internacional.” (VOZ DO TRABALHADOR, 1909a, p. 3). No relatório da FORJ sobre essa manifestação, foi esclarecido que por falta de recursos não puderam ter uma banda oficial na manifestação, porém foi cedido por Pedro Matera um grupo da Escola, que assim resumiram a sua participação:

Desta forma reduzido orçamento, e como nos fosse oferecido pelo companheiro Matera concurso da Escola Primeiro de Maio, sob a condição de arranjarmos a condução dos seus alunos de Vila Isabel para a sede da Federação, resolvemos aceitar o oferecimento nesse sentido entramos com 25\$000 para o aluguel de um bonde especial.

É-nos agradável referir que foi deveras importante o concurso dos alunos do camarada Matera, que com a melhor boa vontade se incorporaram a Federação, proporcionando-nos pela primeira vez o prazer de ouvi A Internacional cantada em coro pelas ruas da cidade.

Pôde-se, pois, dizer que o concurso dos alunos da Escola Primeiro de Maio supriu com vantagem a falta da banda de música, que exigia, só para 15 figuras 130\$000. (VOZ DO TRABALHADOR, 1909a, p. 3).



Em 1913, a Escola participa de outro 1º de maio promovido pela FORJ no Largo do S. Francisco com a apresentação de um dos alunos, Ernesto de Souza, que com apenas 9 anos “[...] expandiu sua opinião sobre essa gloriosa campanha da reivindicação dos direitos do operariado no Brasil.” (A ÉPOCA, 1913c, p. 3).

O Jardim Zoológico do bairro de Vila Isabel foi muito frequentado pela Escola Operária 1º de Maio, em 1920 realizou-se uma campanha para a fundação de escolas racionalistas, na qual essa escola teve participação. Aconteceu um grande festival para a arrecadação de dinheiro para essa iniciativa, promovido pela União dos Operários na Construção Civil, no dia 12 de setembro de 1920, quando houve “[...] match de foot-ball, corridas de obstáculos, jogos ao ar livre, um torneio de jogo de pão, conferências, representação de uma desopilante comédia pelo corpo cênico do Grupo 1º de Maio, canções, etc., etc.” (VOZ DO POVO, 1920, p. 3).

Essa prática de atividades ao ar livre, com brincadeiras e jogos, compõe um tipo de formação dada ao operário desse período, o que demonstra como se trabalhava com atividades físicas e de lazer. O princípio da educação integral fomenta essa possibilidade por meio da defesa pela formação de maneira global, tanto a mente quanto o corpo, e por intermédio também do exercício da educação para o trabalho, da higiene e das brincadeiras. Na experiência da Escola Moderna de Barcelona, vimos isso mais claramente. Atividades corporais que promoviam a saúde, o vigor físico e a higiene eram fundamentais. Entretanto, ressaltamos que o intuito era o desenvolvimento pleno do homem, uma educação que trabalhasse com a saúde do corpo, a parte intelectual e também os valores morais e estéticos, priorizando a solidariedade e cooperação. O respeito à organização, à higiene escolar e ao pessoal estava diretamente vinculado a uma compreensão de saúde coletiva, de respeito e de cuidado com o próximo. A saúde e esses princípios morais eram cultivados também nas brincadeiras e nos jogos dentro da escola. Para Ferrer y Guardia (2013, p. 65), “O jogo e as brincadeiras [eram] indispensáveis às crianças. No tocante à sua constituição, saúde e desenvolvimento físico, todo mundo estará formado.” Havia uma preocupação com o desenvolvimento e o vigor físico desde a tenra idade, para se evitar problemas de saúde no futuro. Para Ferrer y Guardia (2013, p. 66),

Os jogos e as brincadeiras, por outro lado, merecem outro ponto de vista na pedagogia e uma maior consideração se são desejados. Deve-se deixar que a criança onde quer que esteja manifeste sinceramente seus desejos. Este é o fator principal da brincadeira que (...) é o desejo satisfeito pela livre atividade.

As brincadeiras também eram um modo de livre expressão da criança. Suas necessidades poderiam ser supridas numa brincadeira lúdica que realizava com outras crianças ou mesmo sozinha. Esses fatores eram elucidados na explicação de atividades diárias no boletim da escola ao abordar o tempo do recreio e de exercícios manuais.

O professor deixará, pois, solto os passarinhos (...), permitindo fazer tanto ruído e movimento como queira (sem excluir a imitação de gritos de animais). Depois do



qual, o rebanho em calma, entrará em classe ordenada e silenciosamente. Se procederá então os exercícios manuais, apelando a dupla habilidade de invenção e execução das crianças. Esses exercícios são muito variados, compreendendo desde o desenho de uma pizza até as peças cúbicas de construção, passando pelo tecido, a modelagem e o recorte de papel com os dedos.

(...); deixemos as crianças escolherem livremente o que os satisfazem; somente com um pouco de habilidade, o professor sugerirá uma escolha aos seus alunos, com o fim de introduzir a variedade do trabalho. Ao efeito, havendo preparado de antemão dois ou três exercícios, proporá as crianças a adoção de um; se bem que providenciará de alguma maneira que resulte a preferência que ele julgue mais conveniente. (BOLETIN DE LA ESCUELA MODERNA, 1901, p. 4).

As brincadeiras livres e a escolha de diversas atividades nas aulas de trabalhos manuais favoreciam a criança a selecionar o exercício que mais lhe agradava. O professor propunha alguns exercícios e orientava os educandos, o objetivo era que as crianças pudessem exercer brincadeiras e jogos livremente e com prazer, sem a intervenção de um adulto. O professor orientava as atividades e tinha a autoridade, baseado em conhecimentos científicos, para escolher um exercício que pudesse desenvolver a criança e guiar seu aprendizado. Além disso, os jogos e brincadeiras serviam para desenvolver aqueles princípios morais de igualdade, liberdade e solidariedade entre os educandos.

[...] a brincadeira é apta para o desenvolvimento do sentido altruísta nas crianças. A criança, em geral, é egoísta, intervindo com uma disposição tão fatal muitas causas, sendo a principal entre todas a lei de herança. Da qualidade indicada se desprende o despotismo natural das crianças, que lhes leva a querer mandar arbitrariamente em seus demais amiguinhos.

A brincadeira é onde as crianças devem ser orientadas para que pratiquem a lei da solidariedade. As observações prudentes, os conselhos e as reconvenções dos pais e professores devem ser encaminhadas nas brincadeiras das crianças, para lhes provar que lhes é mais útil serem tolerantes e condescendentes com o amiguinho que intransigentes com ele: que a lei de solidariedade beneficia aos demais e ao mesmo que a produz. (FERRER Y GUARDIA, 2013, p. 69).

O respeito ao próximo, o cultivo da igualdade, o desejo de se expressar nas brincadeiras, fundamentadas pelo princípio da cooperação entre os educandos, fortaleciam os valores morais que orientavam as atividades da Escola Moderna. As brincadeiras também simulavam várias atividades laborais, Ferrer y Guardia (2013) considerava isso como um bom instrumento para iniciar as crianças em tarefas que exerceriam na sua vida futura. Tragtenberg (2004, p. 144) nos aponta que “A formação da criança durante o jogo antecipa(va) a ação do adulto no trabalho.” Entendendo que a formação para a vida é o sentido da educação racionalista, Ferrer y Guardia (2013, p. 67) afirmava que

Essa formosa tendência tem que ser aceita e arraigada em todas as gerações do futuro, e o meio único e expeditivo de fazê-lo consiste em levar à educação o sentido de Froebel: toda brincadeira bem dirigida é convertida em trabalho, assim como trabalho em brincadeira.

Esse modo de tratar os jogos e as brincadeiras também aparece no programa da Escola Social de Campinas, onde “[...] a experiência, a observação direta, a recreação instrutiva serão



muito mais favorecidas pelo professor que compreende a sua missão do que as longas e fatigantes preleções e as recitações fastidiosas e sem sentido.” (RODRIGUES, 1992, p. 54). A Escola Social foi fechada, e realizou-se uma tentativa de reabri-la em 1919, principalmente com o entusiasmo e incentivo de seu ex-diretor Adelino de Pinho. (A VOZ OPERÁRIA, 1919a; A VOZ OPERÁRIA, 1919b). Chamamos a atenção para essas experiências porque consideramos que elas e a experiência da Escola Operária 1º de Maio estão interligadas ao construir o contexto das experiências pedagógicas oriundas do movimento operário. É importante enfatizar que a Escola Operária 1º de Maio tinha uma participação e influência no meio operário que não se limitava ao campo educacional. A escola participava de várias atividades sindicais e fornecia suas dependências para reuniões, assembleias e “meetings” operários.

Em 12 de outubro de 1912, fundou-se no bairro de Vila Isabel a Associação Operária Independente, na Rua Souza Franco nº 64, local onde funcionava a Escola Operária 1º de Maio, o objetivo dessa Associação era aglutinar os operários que estavam desorganizados e precisavam de uma instituição que representasse a sua classe. Pedro Matera foi o primeiro secretário; e seu irmão, João Matera, tesoureiro dessa Associação. (A EPOCA, 1912b, p. 4). A Associação Operária Independente fez diversas reuniões na sede da Escola Operária 1º de Maio, com o intuito de discutir as pautas que deveriam ser levadas para o 2º COB. (VOZ DO TRABALHADOR, 1913c; VOZ DO TRABALHADOR, 1913d). Assim, constatamos a importância do espaço da Escola e a influência de Pedro Matera como um incentivador da participação dos operários do bairro de Vila Isabel, que ainda não estavam organizados em sindicatos de classe, mas a participação destes era necessária no 2º COB.

Outro fato que ressaltamos é a fundação do Centro de Estudos Sociais, na sede da Escola Operária 1º de Maio. (VOZ DO TRABALHADOR, 1913e). Esse Centro tinha como objetivo divulgar as ideias anarquistas, era uma ramificação do Centro de Estudos Sociais do Rio de Janeiro que funcionava no Centro Cosmopolita. (LOPES, 2011, p. 23).

A Escola Operária 1º de Maio era um espaço de discussão das concepções anarquistas em Vila Isabel, sua intenção era formar estudantes críticos, mas seu objetivo não era a formação de anarquistas. A escola apresentava diferentes atividades, ensinava ler, escrever e contar às crianças e promovia reuniões para a organização e propaganda dos anarquistas em Vila Isabel. O objetivo não era ensinar a anarquia, mas refletir sobre as condições do operariado do bairro no contexto em que viviam. Isso fica claro quando analisamos as poucas práticas diárias e a sua cultura escolar.

A partir de 1913, instalou-se uma crise industrial, há uma forte elevação nos preços dos produtos essenciais. A FORJ iniciou no Distrito Federal uma campanha contra a carestia da vida, o seu primeiro comício foi no bairro de Vila Isabel, em fevereiro de 1913, na Rua Souza Franco, onde ficava a sede da Escola Operária 1º de Maio. (VOZ DO TRABALHADOR, 1913b, p. 1). O segundo comício, também nesse bairro, foi no dia 2 de março de 1913, na Praça Barão de Drummond, nesse comício Pedro Matera representou a



FORJ. As falas dos oradores enfatizavam a necessidade do operariado se organizar em sindicatos em busca de melhores salários, pois os preços dos produtos alimentícios subiam mais do que os salários dos trabalhadores. (A ÉPOCA, 1913a, p. 3). Percebemos que a Escola é referência para a atuação sindical nesse período e que Pedro Matera também é uma figura significativa desse movimento.

As campanhas contra a carestia de vida, no período da 1ª Guerra Mundial, se fortaleciam e tiveram um forte caráter pedagógico no movimento do sindicalismo revolucionário. Buscando a necessidade da conscientização dos operários para a sua mobilização contra as mazelas do capitalismo, em 29 de agosto de 1914, fundou-se o Grupo de Educação Racional no bairro de Vila Isabel. Sua sede, a Escola Operária 1º de Maio, foi o centro dos debates promovidos para o fortalecimento da “[...] ideia de ciência e liberdade [...]” (A ÉPOCA, 1914, p. 4), nesses debates deliberavam-se novas iniciativas de práticas educacionais com a proposta da educação racionalista.

Ele destacava ainda as perseguições que a Escola Operária 1º de Maio sofria por parte da burguesia do bairro de Vila Isabel, esta escola era laica, proporcionava uma educação crítica e autônoma. Matera (VOZ DO TRABALHADOR, 1909b, p. 2) argumentava: “Não obstante aos ataques que esta [a Escola Operária 1º de Maio] há sofrido por parte da burguesia do bairro de Vila Isabel, aqui se continua a ensinar, a preparar os homens para que cada um seja o seu próprio defensor.”

PARTICIPAÇÃO NA INSURREIÇÃO ANARQUISTA DE 1918

No início de 1918, surgem algumas greves no Rio de Janeiro, mesmo que de maneira modesta, os gráficos, sapateiros e carroceiros fazem “paredes” exigindo oito horas de trabalho. (BANDEIRA et al., 1967, p. 119). No mês de março de 1918, devido ao fechamento da FORJ, os sindicalistas revolucionários, em assembleia geral, fundam as bases de sua sucessora, a UGTRJ (União Geral dos Trabalhadores do Rio de Janeiro). Nesta estavam mais de quinze associações, dentre elas a UOFT, União Geral dos Trabalhadores de Calçados, Centro dos Marmoristas, Centro Cosmopolita, entre outros. (ADDOR, 1986, p. 136).

Em agosto de 1918, eclode a greve dos trabalhadores da Companhia Cantareira e Viação Fluminense, que operava as barcas na Baía de Guanabara e os serviços de bonde na cidade do Rio de Janeiro. A origem da greve são os reflexos da carestia da vida. Os trabalhadores exigiam o aumento de salário e a diminuição da carga horária de trabalho para oito horas.

O movimento acaba adquirindo nuances insurrecionais, a partir de um violento conflito na Rua da Conceição entre operários e populares, de um lado, e forças da polícia estadual, do outro. O fato novo, inesperado e importante é a adesão à causa dos grevistas de alguns soldados do Exército, do 58º Batalhão de Caçadores, que participam da luta ao lado da multidão contra as forças da milícia estadual. (ADDOR, 1986, p. 124).



No dia 18 de novembro de 1918, inicia-se o plano de insurreição na capital federal, aproveitando a preocupação das autoridades com a epidemia da Gripe Espanhola. (BANDEIRA et al., 1967, p. 122). Às quatro horas da tarde, “[...] os tecelões do distrito federal se declararam em greve; seis mil operários deixaram seus empregos em Bangu [...]. Os metalúrgicos e os operários em construção civil aderiram à greve logo em seguida.” (DULLES, 1977, p. 68). Os operários em greve se dirigiram para o Campo de São Cristóvão, principal palco dos acontecimentos insurrecionais. Houve troca de tiros entre policiais e operários, sendo lançada uma dinamite, por populares que derrubaram duas torres da Light. Também, os insurretos conseguiram tomar a delegacia do 10º Distrito Policial. (BANDEIRA et al., 1967, p. 125).

Aurelino Leal exigiu reforços policiais e do Exército no local, e um grupamento de cavalaria expulsou os populares da delegacia. (DULLES, 1977, p. 69). Às cinco e meia da tarde, os ânimos já haviam se acalmado e o Campo de São Cristóvão estava tomado de policiais e soldados do exército. Foram realizadas mais de duzentas prisões e os anarquistas eram o principal alvo. Antes desses acontecimentos, às duas horas da tarde, os líderes da insurreição foram detidos, entre eles encontravam-se: José Oiticica, Carlos Dias, Astrogildo Pereira, entre outros. (ADDOR, 1986, p. 172).

O Dr. Aurelino Leal proíbe as reuniões operárias e é expedida uma nota oficial de seu gabinete.

(...) A autoridade pública está, pois, lutando com anarquistas, quase todos estrangeiros que querem implantar o maximalismo entre nós, e para homens dessa espécie, bem como para os maus brasileiros que os acompanham, todo rigor é pouco. Para defender a ordem pública, além das medidas já tomadas, a polícia não consentira em ‘meeting’, qualquer que seja a sua natureza. (ADDOR, 1986, p. 173).

No decorrer da semana outros anarquistas foram presos por suspeita de participação da insurreição do dia 18 de novembro. No dia 29 de novembro, Pedro Matera estava nos fundos de sua casa, na Rua Silva Pinto, nº 6, quando foi surpreendido por cinco agentes da polícia que vieram lhe prender. São apreendidos alguns exemplares do periódico Liberdade, cuja redação era em sua própria casa. O exemplar de nº 25 vinha com alguns artigos bem humorados e uma longa conferência do anarquista Fábio Luz, segundo os redatores do jornal A Razão. (A RAZÃO, 1918a). Pedro Matera é encarcerado pela sua participação nos meios anarquista e sindicais; entretanto, ele não participou efetivamente da insurreição do dia 18 de novembro, foi ameaçado de expulsão do país, por ser anarquista e estrangeiro.

Pedro Matera somente é solto em janeiro de 1919 (A RAZÃO, 1919b), sua família passou por dificuldades para pagar o aluguel e se alimentar, por isso os operários decidiram ajudar os operários presos. Criaram, então, um comitê pró-presos que recebia contribuições financeiras para auxiliar as famílias dos operários encarcerados. (A RAZÃO, 1919a). Durante sua prisão, os redatores do A Razão fazem uma reportagem com os alunos de Pedro Matera da Escola Operária 1º de Maio, em que a manchete era “Sem chefe, sem pão e sem teto [...]”,



destacando que seus alunos estavam sem aula devido à sua prisão e que sua família passava por dificuldades financeiras. (A RAZÃO, 1918b, p. 3).

A atividade da Escola Operária 1º de Maio era bastante significativa no seio operariado do Rio de Janeiro, apesar de todas as perseguições sofridas pelo seu diretor Pedro Matera. Após a tentativa de insurreição de 1918, Matera foi preso e sua Escola fechada por meses. Sua reabertura ocorre em 5 de dezembro de 1919, na antiga sede da Escola na Rua Souza Franco, 64, em Vila Isabel. (A RAZÃO, 1919c). Entretanto, as perseguições continuaram e, após algumas detenções, ele decide estabelecer-se com a sua família no bairro de Olaria.

A Escola Operária 1º de Maio também foi transferida para a Rua Drummond nº 51, no mesmo bairro, sua reinauguração foi no dia 25 de outubro de 1921. Ela mantém suas atividades normais com saraus culturais, atividades teatrais etc. Encontramos informações sobre a existência desta escola até 1932, suas atividades continuavam, promoviam ações políticas no bairro, exigiam asfaltamento, luz, água, saneamento básico, inclusive existe uma entrevista com Matera, em maio de 1932, sobre os problemas do bairro de Olaria, no periódico A Batalha. (A BATALHA, 1932).

Segundo Rodrigues (1992, p. 20), Pedro Matera faleceu em 1934, na Santa Casa da Misericórdia e não aceitou a presença de um padre antes de sua morte. Apesar de essa referência ser plausível, não encontramos a fonte de onde ele tira essa informação, assim consideramos que Matera possa ter falecido nesse período, entretanto com ressalvas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos perceber que a história de Pedro Matera se confunde com a da Escola Operária 1º de Maio. Por isso, consideramos importante dedicar um trabalho que aborde a trajetória do militante Pedro Matera apresentando a sua atuação conjuntamente para expor a sua atuação na Escola.

A 1º de Maio foi centro de diversas atividades libertárias realizadas pelos militantes cariocas. Conferências sobre a pedagogia libertária e a Educação Popular, para explicar a pedagogia racionalista de Ferrer y Guardia eram comuns. Vale ressaltar que a imagem de Ferrer y Guardia nesse período era emblemática no meio sindical, principalmente anarquista. Desse modo, consideramos pertinente relacionar a experiência de Ferrer y Guardia, em Barcelona, com a Escola Operária 1º de Maio, destacando alguns princípios dessa experiência pedagógica: educação integral, educação racionalista, entre outros. O modelo de Escola ferrerista serviu como base para a elaboração e construção da Escola Operária 1º de Maio.

Os princípios, os métodos de atuação e os conteúdos ensinados estavam em consonância com os princípios da Escola Moderna. Destacamos, contudo, que, apesar da influência anarquista sobre a Escola, nela não se ensinava o anarquismo. O objetivo era proporcionar a educação elementar, a intenção era ensinar o operariado a ler, escrever e



contar, possibilitando as reflexões sobre a conjuntura daquele período, mostrando as mazelas do capitalismo e as possibilidades de luta. As crianças e seus pais que estudavam na Escola não se formavam a partir da ideologia anarquista, mas a partir de princípios que enfatizavam a autonomia. O interesse não era a formação de anarquistas, mas a formação de seres críticos e atuantes.

A Educação Popular serviu como ferramenta de organização operária. A realização de reuniões, conferências e “meetings” na Escola Operária 1º de Maio mostra como ela foi um espaço de organicidade, planejamento e construção de objetivos para a luta dos movimentos operários e sindicais desse período.

Devemos destacar a Escola Operária 1º de Maio passou por muitas dificuldades, fechou inúmeras vezes devido às prisões de Matera ou por falta de recursos. Ela se mantinha com o esforço dos operários, a participação em quermesses para auxiliar os fundos da Escola exemplifica essa situação. Apesar dos altos e baixos, a Escola se manteve ativa por um longo período (pelo menos vinte e oito anos).

Esta pesquisa nos possibilitou resgatar a história de um militante não muito conhecido, inclusive nos círculos anarquistas. Sua atuação como anarquista, sindicalista e professor, defensor da pedagogia libertária, de esmero conteúdo e atitude jaz a ser divulgado. O intento é que este trabalho possa fortalecer a história do anarquismo e da pedagogia libertária, destacando uma corrente socialista pouco divulgada e mal compreendida na atuação da classe operária brasileira e na luta pela Educação Popular.

REFERÊNCIAS

A BATALHA, Rio de Janeiro, ano IV, n. 735, 24 maio 1932.

ADDOR, C. **A insurreição anarquista no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

A ÉPOCA. Rio de Janeiro, ano I, n. 34, 02 set. 1912a.

A ÉPOCA. Rio de Janeiro, ano I, n. 83, 21 out. 1912b.

A ÉPOCA. Rio de Janeiro, ano I, n. 216, 03 mar. 1913a.

A ÉPOCA. Rio de Janeiro, ano I, n. 234, 21 mar. 1913b.

A ÉPOCA. Rio de Janeiro, ano II, n. 276, 02 maio 1913c.

A ÉPOCA. Rio de Janeiro, ano III, n. 737, 31 ago. 1914.

A GUERRA SOCIAL. Rio de Janeiro, ano I, n. 7, 15 out. 1911.

A GUERRA SOCIAL. Rio de Janeiro, ano II, n. 26, 04 set. 1912.



- A LANTERNA. São Paulo, ano X, n. 109, 21 out. 1911a.
- A LANTERNA. São Paulo, ano XI, n. 114, 25 nov. 1911b.
- A LANTERNA. São Paulo, ano XII, n. 161, 19 out. 1912.
- A RAZÃO. Rio de Janeiro, ano II, n. 133, 30 abr. 1917a.
- A RAZÃO. Rio de Janeiro, ano II, n. 140, 07 maio 1917b.
- A RAZÃO. Rio de Janeiro, ano II, n. 144, 11 maio 1917c.
- A RAZÃO. Rio de Janeiro, ano II, n. 145, 12 maio 1917d.
- A RAZÃO. Rio de Janeiro, ano II, n. 146, 13 maio 1917e.
- A RAZÃO. Rio de Janeiro, ano II, n. 148, 15 maio 1917f.
- A RAZÃO. Rio de Janeiro, ano II, n. 149, 16 maio 1917g.
- A RAZÃO. Rio de Janeiro, ano II, n. 166, 04 jun. 1917h.
- A RAZÃO. Rio de Janeiro, ano II, n. 195, 02 jul. 1917i.
- A RAZÃO. Rio de Janeiro, ano III, n. 708, 30 nov. 1918a.
- A RAZÃO. Rio de Janeiro, ano III, n. 732, 23 dez. 1918b.
- A RAZÃO. Rio de Janeiro, ano IV, n. 743, 03 jan. 1919a.
- A RAZÃO. Rio de Janeiro, ano IV, n. 747, 07 jan. 1919b.
- A RAZÃO. Rio de Janeiro, ano IV, n. 1076, 05 dez. 1919c.
- A VOZ OPERÁRIA. Campinas, ano I, n. 2, 07 set. 1919a.
- A VOZ OPERÁRIA. Campinas, ano I, n. 3, 05 out. 1919b.
- BANDEIRA, M.; MELO, C.; ANDRADE, A. T. **O ano vermelho**: a revolução russa e seus reflexos no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- BAKUNIN, M. **A política da internacional**. São Paulo: Imaginário: Faísca, 2008.
- BOLETIN DE LA ESCUELA MODERNA. Ano I, n. 1, 30 out. 1901.
- BORGES, D.; BORGES, M. **A vila**: de Isabel e Drummond a Noel. Rio de Janeiro: Hespanhol, 1987.



- CARONE, E. **A República Velha**: 1. Instituições e classes sociais. 3. ed. São Paulo: DIFEL, 1975.
- DULLES, J. W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil (1900-1935)**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.
- FERRER Y GUARDIA, F. **La escuela moderna** Madrid: La Malates Editora: Tierra de Fuego, 2013.
- GOLDMACHER, M. A “**greve geral**” de 1903: o Rio de Janeiro nas décadas de 1890 a 1910. 2009. 181 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.
- LOPES, M. **Crônicas dos primeiros anarquistas no Rio de Janeiro (1888-1900)**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2004.
- LOPES, M. **A luta social em Vila Isabel**. Rio de Janeiro: Núcleo de Pesquisa Marques da Costa, 2011.
- LUIZZETTO, F. O movimento anarquista em São Paulo: a experiência da escola moderna n° 1 (1912-1919). **Educação & Sociedade**, São Paulo, ano VIII. n. 24, p. 18-47, 1986.
- MATERA, P. Editorial. **A VERDADE**, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, 01 jun. 1923.
- MATERA, P. Aulas diurnas e noturnas. **O CLARIM**, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, 01 jun. 1913.
- MATERA, P. **Desmentindo uma calúnia da polícia**. In: BRASIL. Superior Tribunal Federal. Habeas Corpus n° 4313. Relator Min. Viveiros de Castro. DJU, Rio de Janeiro, 04 jul. 1917, Seção 1, p. 45.
- PRADO DA SILVA, P. Francisco Ferrer y Guardia: um nome para a educação popular. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 15, n. 1, p. 10 -25, 2016. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/31961>. Acesso em: 13 out. 2017.
- PRADO DA SILVA, P. Os gérmenes são semeados: as experiências da escola moderna ao redor do mundo. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 64, p. 201-220, 2015. Disponível em: [file:///C:/Users/profp/Downloads/8641937-13084-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/profp/Downloads/8641937-13084-1-PB%20(1).pdf). Acesso em: 13 out. 2017.
- RODRIGUES, E. **O anarquismo, na escola, no teatro, na poesia**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1992.
- SAMIS, A. **Minha pátria é o mundo inteiro: Neno Vasco, o anarquismo e o sindicalismo revolucionário em dois mundos**. Lisboa: Letra Livre, 2009.
- SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2011.



SILVA, R. M. da. A influência de Eliesée Reclús na educação operária brasileira: das ciências naturais à educação integral. 2010. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

TERRA, P. C. **Cidadania e trabalhadores: cocheiros e carroceiros no Rio de Janeiro (1870-1906)**. 2012. 313 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

THOMPSON, E. P. **Os românticos: a Inglaterra na era revolucionária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade**. Tradução: Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004. v. 1.

TRAGTENBERG, M. Francisco Ferrer e a pedagogia libertária. Sobre educação, política e sindicalismo. 3. ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

VIANA, N. A Imigração Italiana no Brasil. In: DEMINICIS, R. B.; REIS FILHO, D. A. (org.). **História do anarquismo no Brasil**. Niterói: Mauad, 2006. v. 1.

VOZ DO POVO. Rio de Janeiro, ano I, n. 183, 10 ago. 1920.

VOZ DO TRABALHADOR. Rio de Janeiro, ano I, n. 11, 17 maio 1909a.

VOZ DO TRABALHADOR. Rio de Janeiro, ano II, n. 19, 30 out. 1909b.

VOZ DO TRABALHADOR. Rio de Janeiro, ano VI, n. 24, 01 fev. 1913a.

VOZ DO TRABALHADOR. Rio de Janeiro, ano VI, n. 26, 01 mar. 1913b.

VOZ DO TRABALHADOR. Rio de Janeiro, ano VI, n. 29, 15 abr. 1913c.

VOZ DO TRABALHADOR. Rio de Janeiro, ano VI, n. 31, 15 maio 1913d.

VOZ DO TRABALHADOR. Rio de Janeiro, ano VI, n. 32, 01 jun. 1913e.

VOZ DO TRABALHADOR. Rio de Janeiro, ano VIII, n. 64, 01 nov. 1914.

Notas

¹ Professor do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG). Doutorando do PPGEdu da Faculdade de Educação na Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG).

² A diferenciação entre Anarquismo e Sindicalismo Revolucionário está em identificar o primeiro como uma Ideologia e o segundo como estratégia tomada pelos associados à essa ideologia. Essa diferenciação se faz necessária, pois para compreender a realidade sindicalista no Brasil, é preciso compreender os diferentes matizes ideológicos e sua instrumentalização no campo estratégico. Isto é, na experiência anarquista, é comum verificarmos a identificação de anarcosindicalismo nas estruturas sindicais que estavam inseridos os anarquistas. Basicamente, a proposta anarcosindicalista impõem a necessidade de todos os associados ao sindicato estarem de



acordo com os ideais anarquistas. Contudo, o Sindicalismo Revolucionária é a ferramenta estratégica que prepondera entre os anarquistas, que defendiam um sindicato que congregassem diferentes correntes do campo socialistas e que defendessem princípios básicos como: autogestão, internacionalismo, igualdade, liberdade, federalismo sindical, antiestatismo, anticapitalismo, etc., tendo o sindicato como base de luta, em busca *pari passu*, das necessidades imediatas das classes trabalhadoras e da Revolução Social. As bases históricas e teóricas do Sindicalismo Revolucionário estão nos clássicos do anarquismo e na formação da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) em 1864, no que vale destacar Mikhail Bakunin (1814-1876): “A Associação Internacional dos Trabalhadores, fiel a seu princípio, jamais apoiará uma agitação política que não tenha por objetivo imediato e direto a completa emancipação econômica do trabalhador, isto é, a abolição da burguesia como classe economicamente separada da massa da população, nem qualquer revolução que desde o primeiro dia, desde a primeira hora, não inscreva em sua bandeira liquidação social. [...] Ela dará à agitação operária em todos os países um caráter essencialmente econômico, colocando como objetivo a diminuição da jornada de trabalho e o aumento dos salários; como meios, a associação das massas operárias e a formação das caixas de resistência. [...] Ela ampliar-se-á, enfim, e organizar-se-á fortemente atravessando as fronteiras de todos os países, a fim de que, quando a revolução, conduzida pela força das coisas, tiver eclodido, haja uma força real, sabendo o que deve fazer e, por isso mesmo, capaz de apoderar-se dela e dar-lhe uma direção verdadeiramente salutar para o povo; uma organização internacional séria das associações operárias de todos os países, capaz de substituir esse mundo político dos Estados e da burguesia que parte.” (BAKUNIN, 2008, p. 67-69). Desse modo, Bakunin deixa claro quanto suas proposições estratégicas para o anarquismo: uma movimento internacionalista de larga abrangência, que aglutinasse o conjunto de classes oprimidas, lutando ao mesmo tempo pelas questões imediatas e pela revolução social, que pudesse superar o capitalismo e o Estado e construir uma sociedade de liberdade e igualdade.

³ A Lei Adolfo Gordo é o decreto nº 1.641, de 7 de Janeiro de 1907, proposta pelo Deputado Adolfo Gordo, que expulsava qualquer estrangeiro que comprometesse a segurança nacional; na verdade, a lei visava especialmente reprimir militantes anarquistas e sindicalistas revolucionários.

⁴ Para saber mais sobre Francisco Ferrer y Guardia, a Escola Moderna de Barcelona e as demais experiências inspiradas em Ferrer ver: PRADO DA SILVA, P. Francisco Ferrer Y Guardia: Um Nome Para A Educação Popular. Revista de Educação Popular. Uberlândia, v. 15, nº 1, p. 10 -25, 2016; PRADO DA SILVA, P. Os Gêrmens São Semeados: As Experiências Da Escola Moderna Ao Redor Do Mundo. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, nº 64, p. 201-220, 2015.

⁵ Antônio Maura foi ministro no governo do rei Afonso XIII e perseguiu os sindicalistas e anarquistas espanhóis no período em que esteve no cargo.